

Uma leitura do Modelo dos Campos Semânticos a partir da filosofia da linguagem de Wittgenstein

A reading of the Semantic Fields Model from Wittgenstein's Philosophy of language

Una lectura del Modelo de Campos Semánticos desde la filosofía del lenguaje de Wittgenstein

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v10i1.37420>

Carlos Nazareno Ferreira Borges

Licenciado pleno em Educação Física, Bacharel em Ciências Sociais e Filosofia, Mestre e Doutor em Educação Física (Cultura)-UGF/RJ, Pós-doutor em Memória Social – UNIRIO/RJ. Docente permanente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará. E-mail: carlosnazareno@pq.cnpq.br

Damião Bezerra Oliveira

Licenciado e Bacharel em Filosofia; Mestrado e Doutorado em Educação, Pós-doutorado em Filosofia. Docente Permanente dos Programas de Pós Graduação em Educação e Filosofia, ambos da Universidade Federal do Pará. E-mail: damião@ufpa.br

RESUMO

O Modelo dos Campos Semânticos é uma proposta apresentada por Rômulo Lins como um modelo metodológico e uma teoria do conhecimento, que pretende explicar como são produzidos significados para os objetos. Sendo a produção de significado um debate tradicional de muitas áreas, despertou-nos interesse em compreender os fundamentos deste modelo em diálogo com a filosofia de Wittgenstein, sobretudo em sua segunda fase, devido ao aprimoramento teórico conseguido com sua maturidade. Em termos de material de pesquisa, excertos de textos de Rômulo Lins e das duas principais obras de Wittgenstein – o *Tractatus Lógico-Philosophicus* e as Investigações Filosóficas – constituem a base, somados à contribuição de leituras secundárias a respeito da obra de ambos. Nos achados têm-se elementos de aproximação e discussão de nuances que permitem afirmar o alcance do objetivo.

Palavras-chave: Produção de significados; MCS; Wittgenstein.

ABSTRACT

The Semantic Fields Model is a proposal presented by Rômulo Lins as a methodological model and a theory of knowledge. The MCS intends to explain how meanings are produced for objects. As the production of meaning is a traditional debate in many areas, we were interested in understanding the foundations of MCS in dialogue with Wittgenstein's philosophy, especially in its second phase, due

to the theoretical improvement achieved with its maturity. In terms of research material, texts by Rômulo Lins and Wittgenstein's two main works – the *Tractatus Lógico-Philosophicus* and the *Philosophical Investigations* – constitute the basis, in addition to the contribution of secondary readings about their work. In the findings we have elements of approximation and discussion of nuances that allow us to affirm the scope of our objective.

Keywords: Production of meanings. MCS. Wittgenstein.

RESUMEN

El Modelo de Campos Semánticos es una propuesta presentada por Rômulo Lins como modelo metodológico y teoría del conocimiento. El MCS pretende explicar cómo se producen significados para los objetos. Siendo la producción de sentido un debate tradicional en muchas áreas, nos interesaba comprender los fundamentos del MCS en diálogo con la filosofía de Wittgenstein, especialmente en su segunda fase, debido al perfeccionamiento teórico alcanzado con su madurez. En cuanto al material de investigación, los textos de Rômulo Lins y las dos obras principales de Wittgenstein – el *Tractatus Lógico-Philosophicus* y las *Investigaciones filosóficas* – constituyen la base, además del aporte de lecturas secundarias sobre su obra. En los hallazgos tenemos elementos de aproximación y discusión de matices que nos permiten afirmar el alcance de nuestro objetivo.

Palabras clave: Producción de significados. MCS. Wittgenstein.



Introdução

A discussão em torno dos significados não é nova em termos de ciência e mesmo na Filosofia. Estudos como os de Berticelli e Schiavini (2013); Gambarato (2005); Fonseca (2009)¹; nos campos da linguística, semiologia, hermenêutica, são alguns dos que se debruçam na tentativa de explicar o significado de coisas, fenômenos, palavras, sejam pelas etimologias, sentidos, interpretações, designações e entre outras empreitadas teóricas.

Na tradição filosófica, desde a antiguidade a preocupação com os significados estava presente, como se pode ver, por exemplo, em diversos diálogos de Platão recorrentemente apresentando a preocupação socrática para com o significado dos conceitos ou explicação para o significado das coisas. Na perspectiva platônica, as significações diferiam para a mesma coisa, como pode ser verificado no primeiro manual de filologia ocidental, o Diálogo Crátilo (Platão, 1988), onde se lê as minúcias das questões da linguagem, entendendo as contextualizações das palavras mediante o uso do método filológico. O mesmo se vê no diálogo *Fédon*, ao ser discutido o significado da palavra ‘igual’, pois uma coisa pode ser igual à outra e diferente de uma terceira, logo, uma coisa pode ser igual e diferente simultaneamente (Platão, 1972:74).

Ainda na antiguidade clássica grega, no livro das categorias de Aristóteles, uma discussão central diz respeito aos níveis de significação atribuída às categorias e de como os significados são classificados de forma a diferenciar as palavras e frases dos enunciados e juízos (Aristóteles, 1985). Não nos deteremos em enumerar tantos filósofos que se debruçaram sobre a discussão dos significados, neste caso, é interessante destacar pontos selecionados da discussão operada pelo filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), porque ao tratar da linguagem faz uma crítica à tradição filosófica, o que o coloca como referência para o debate empreendido nesse texto a respeito de significados.

A discussão sobre significados, supracitada, se espalha por outros campos do conhecimento. No âmbito do debate, chama a atenção uma proposição teórica apresentada pelo professor brasileiro Rômulo Campos Lins (1955-2017), a qual foi denominada de Modelo dos Campos Semânticos (MCS)². O professor Rômulo Campos Lins, na sua tese de doutorado defendida na Universidade de

¹ Berticelli e Schiavini (2013) analisam as possibilidades oferecidas pela pragmática linguística na qualificação de leitores, em textos convencionais e em novas formas textuais oferecidas pelos meios de comunicação; Gambarato (2005) se propõe investigar o percurso conceitual do trinômio signo-significação-representação quando presentes no curso dos diferentes momentos filosóficos, uma vez que a autora acredita ser fundamental esse conhecimento para compreender o desenvolvimento científico dos processos significativos; Fonseca (2009) ousa tomar a obra de Ricoeur em seus originais, para entender em sua hermenêutica, os significados.

² Em sua proposição original, apresentada na sua Tese de Doutorado em 1992, Romulo Lins a denominou de Modelo dos Campos Semânticos (MCS). Posteriormente, em publicações de 1993 a 2003, o autor parece ter a intenção de enfatizar que a sua proposta era a de um modelo metodológico e uma perspectiva de teoria do conhecimento, por isso passou a denominá-lo de Modelo Teórico dos Campos Semânticos (MTCS). A partir de uma publicação específica (Lins, 2004) talvez o autor tenha resolvido que o termo ‘Teórico’ não fosse mais necessário, porque o Modelo por si só denotaria o sentido pretendido de teoria do conhecimento, e passou a usar novamente a denominação Modelo dos

Nottingham-UK, apresentou como contribuição à produção do conhecimento o MCS (Lins, 1992). Trata-se de um modelo teórico com intenções de metodologicamente captar, e teoricamente explicar, a produção de significados a respeito de objetos estudados. De forma correspondente, o autor chama de objetos àquilo “para que se produz significado” (Lins, 2012:28)

Na ocasião da publicação de sua tese, Lins (1992) afirma que o conhecimento é crença-afirmação acompanhada de uma justificação para a mesma, capaz de autorizar a produzir um enunciado. Portanto, para se produzir conhecimento, é necessário considerar processos de enunciação (Lins, 1994a), os quais podem conter diferentes justificações em diferentes contextos. O autor afirma que é a enunciação sobre um objeto no contexto de uma atividade que permite encontrar seu significado. Daí surge outro conceito caro ao MCS, o de atividade.

Atenta-se que há a intenção de voltar nesse texto e tratar das especificidades de cada conceito estruturador do modelo linsiano, mas, por ora, importa ter evidenciado pela afirmativa introdutória de como se concebe a produção de significado, que há diferentes significados para diferentes contextos, os quais serão denominados de Campos Semânticos (Lins, 1992), termo que recebe destaque ao longo deste debate.

O MCS parte da linguística, mas se desenvolveu na análise da produção de significados na matemática, eminentemente na ocasião da elaboração da tese de seu criador, elegendo a álgebra, sendo depois apropriado como metodologia e referencial teórico por diferentes campos de estudo (Borges; Portilho, 2021). Como mencionado, na ideia de significado há uma afirmação quanto ao surgimento do significado a partir da enunciação, entendendo que o significado produzido está naquilo que se quer dizer; porém, Lins (1992; 1994a; 1994b; 1996; 1999; 2001; 2002^a; 2002^b; 2012) afirma que está não somente no que se quer dizer, mas também no que efetivamente se diz sobre o objeto.

As assertivas linsianas a respeito do que se diz efetivamente sobre o objeto nos remetem a pensar a partir da ideia de referencialidade. Dessa forma, a partir da contribuição de Wittgenstein na Filosofia quanto à problematização dos significados, acredita-se ser pertinente fazer uma leitura da estrutura conceitual do MCS em diálogo com a obra daquele filósofo.

A maioria dos estudiosos de Wittgenstein, como Stegmüller (1976), Fogelin (1997), Fann (1999) e outros, consideram sua contribuição à filosofia dividida em dois momentos: o primeiro, representado fundamentalmente pelo *‘Tractatus Lógico-Philosophicus’* (Wittgenstein, 1968); e o

Campos Semânticos (MCS), permanecendo assim até sua última publicação encontrada em 2016, pouco tempo antes de seu falecimento, em 17 de agosto de 2017. Não foram encontradas em algum escrito justificativa do autor que pudessem sustentar a hipótese para o retorno de uso do termo. Embora existam trabalhos que utilizam referências que mencionam o MCS e outras que utilizam referências que mencionam o MTCS, para este texto adotou-se o MCS, apenas mencionando o MTCS quando se refere diretamente a Lins ou literaturas secundárias que assim utilizaram.

segundo, representado fundamentalmente pelas ‘Investigações Filosóficas’ (Wittgenstein, 2009³). Os estudiosos dizem ainda que no segundo momento há um filósofo mais amadurecido, que critica mesmo a sua primeira obra⁴, mesmo que utilize em determinados argumentos.

Por se tratar de um aspecto específico de Wittgenstein – o significado –, considera-se relevante tomar apontamentos das duas obras, embora nos detenhamos mais na obra da segunda fase do filósofo. Assim, foram captadas contribuições advindas desde o ‘*Tractatus Lógico-Philosophicus*’, quando o filósofo não estava preocupado em corrigir a linguagem cotidiana, mas sim com o que é dito possa ser dito com valor de verdade. Para tanto, Wittgenstein (1968) defende que o que é dito, o seja de tal forma que a figuração do objeto corresponda à realidade, o que será debatido melhor adiante.

Na obra “Investigações Filosóficas⁵”, lê-se que o entendimento e a compreensão de uma sentença proferida no contexto de sua inserção são possíveis a qualquer ser humano (Wittgenstein, 2009), e adiante falaremos o que ele quer dizer com esse ‘contexto’. No entanto, no *Tractatus*, foi afirmado que não se pode dizer algo que não tenha referencial real, sob pena de se desfazer de sentido e significado (Wittgenstein, 1968). Dessa forma, quando se fala em produção de significados, questiona-se: de que significado se está falando?

O debate em torno dos significados, como mencionado, não é novo, assim como a produção de significados não é exclusiva do MCS. O próprio Wittgenstein discutia essa questão com a leitura da obra de (Santo) Agostinho (Wittgenstein, 2009). Há estudiosos do filósofo envolvidos nesse debate, com os quais se pretende dialogar e entre os quais foram mencionados como Martins (2000); Bastos (2013); Santos e Mulinari (2015); Freitas e Silva (2018) e entre outros.

No que diz respeito ao MCS, ao ser anunciado como um modelo intencionado na produção de conhecimentos que se constituam como científicos, acredita-se ser necessário confrontar sua abordagem conceitual com a Filosofia Analítica, a fim de testar suas hipóteses. Essa é a intenção do texto que ora se apresenta, ou dizendo de outra forma, identifica as bases da filosofia analítica de Wittgenstein e com elas compreender o MCS e os argumentos que lhe dão sustentação quanto à explicação na produção de significados. No limite, estaremos também buscando aproximações entre as duas perspectivas teóricas quanto ao trato com a produção de significados.

³ Importante esclarecer que a divisão em duas fases da Obra De Wittgenstein não é consenso. Há estudiosos que discordam da divisão, afirmando apenas que o ‘*Tractatus Lógico-Philosophicus*’ é uma tese que se propõe a discutir o conhecimento científico, enquanto as ‘Investigações Filosóficas’, trata-se de uma tese que pretende discutir a linguagem ordinária. Nesse texto optou-se por considerar as duas fases do filósofo enquanto estratégia didática.

³ No original alemão o nome da obra é ‘*Philosophische Untersuchungen*’, foi mantido o nome traduzido para o português, ao contrário do ‘*Tractatus*’, o qual, mesmo em tradução para outras línguas, mantém a forma original.

⁴ Trata-se de uma crítica acenada por muitos estudiosos, embora de fato não se possa fazer uma relação direta entre as duas obras. Isso porque, como dito, as duas tratam de teses diferentes.

⁵ No original alemão o nome da obra é ‘*Philosophische Untersuchungen*’, permaneceu o nome traduzido para o português, ao contrário do ‘*Tractatus*’, o qual mesmo em tradução para outras línguas, mantém a forma original.

Nesse sentido, para percorrer um itinerário que atenda à intenção apresentada, pretende-se discorrer sobre o MCS e sua estrutura conceitual. Basicamente será utilizado o próprio Lins (1992; 1994a; 1994b; 1996; 1999; 2001; 2002a; 2002b; 2012), mas serão tomadas suas elaborações em diálogo com as leituras secundárias do MCS, entre os quais se destacam Silva (2003) e Santos (2007). A compreensão dos elementos que sustentam a validade de estudar o MCS permitirá contribuir para sua legitimação enquanto proposta metodológica científica ou indicar superação de eventuais lacunas.

Para que se possa fazer a análise do MCS a partir da Filosofia Analítica de Wittgenstein, é preciso de maneira objetiva e sintética, apresentar os principais aspectos proposicionais do filósofo austríaco. Para tanto, recorre-se às suas principais obras, mencionadas aqui que são Wittgenstein (1968) e Wittgenstein (2009), contudo, serão discutidos os fundamentos filosóficos da linguagem com a contribuição da literatura secundária mencionada.

Para o exercício de estudo filosófico do MCS a partir de duas obras centrais de Wittgenstein, também será realizada uma análise pontual da tentativa desenvolvida no campo da matemática de entender problemas de pesquisa utilizando conceitos do MCS comparados aos conceitos do filósofo, cujos autores de destaque são Julio (2007; 2016) e Pinto (2009; 2011, 2018).

A ideia conclusiva é tomar a estrutura argumentativa do texto proposicional do MCS e discuti-la a partir dos elementos selecionados da Filosofia Analítica que possam permitir a análise da proposta Linsiana.

O MCS: principais fundamentos conceituais

Recapitulando, com base na arguição levantada, compreende-se que o MCS é uma proposição teórica apresentada por Lins (1992) como tese de doutorado. Nesse trabalho do autor, consegue-se perceber que o MCS se constitui em uma estruturada abordagem conceitual, sendo apresentado como uma teoria do conhecimento ao mesmo tempo em que fornece condições de se estabelecer como um modelo metodológico de análise (Lins, 1992).

A principal função do MCS é a explicação de como são produzidos significados para os objetos: palavras, sentenças, experiências e outros. O estabelecimento do significado é identificado por um conjunto de conceitos importantes do MCS, porém, dadas as limitações do presente texto, serão destacados nesse momento os conceitos de: significado, o qual embora anunciado será novamente explorado; Campo Semântico; atividade; estipulações locais; núcleo; e, leitura positiva ou plausível, reservando algum fôlego para a tríade autor-texto-leitor.

Sabe-se que na concepção linsiana, o significado é algo que efetivamente se diz sobre alguma coisa quando se está em uma atividade. Por atividade o MCS entende a mesma ideia de

Leontiev, ou seja, como sendo um processo que relaciona objeto e motivo (Lins, 2012). Essa relação pressupõe a atividade como uma ação capaz de proporcionar ao homem a satisfação de suas necessidades quando se relaciona com o mundo. Assim, o jogo lúdico, por exemplo, é uma atividade (objeto) utilizada para se divertir (motivo). É um conceito importante a considerar quando se quer saber qualquer significado, isto é, no interior de qual atividade.

A noção de atividade é importante também para entender o conceito de Campo Semântico, isso por a enunciação ser realizada no interior de uma atividade e só assim se permite um modo de produzir significado. Para cada atividade, uma enunciação permitirá significados diferentes e, quando isso ocorre, é porque cada processo de significação se faz em um diferente Campo Semântico (Lins, 1994a; 1994b). Será exemplificado também com o objeto jogo, supramencionado: considere um Campo Semântico denominado ‘ludicidade das práticas corporais’. No âmbito desse Campo, se houver a enunciação da palavra jogo proferida por crianças, estará certamente centrada em uma atividade orientada pelo ‘se divertir em si mesmo’; mas, se ainda no mesmo campo a mesma palavra for proferida por acadêmicos, certamente o ‘se divertir’ terá significado em termos abstratos, com uso de outros termos acadêmicos para sustentar a significação. Mas, a palavra jogo pode ter significados diferentes também em outros Campos Semânticos, por exemplo, a enunciação proferida nos Campos da ‘política’ ou ‘das relações sociais’. Certamente os significados são bem diferentes daqueles que comentamos quando falamos da “ludicidade das práticas corporais”.

Em razão de como os objetos são significados em cada Campo Semântico, Lins (1994a:31) afirma que a sua “formulação de *semântica* em relação a *conhecimento* não faz referência primária a objetos, mas a modos de produzir objetos” (grifos do autor). Ressalta-se que para o autor, os significados são produzidos para os objetos, que bem poderiam ser chamados de ‘coisas’. Desse modo, ainda segundo o mesmo autor, o conhecimento não existe *a priori*, centrado nos objetos, mas “é algo do âmbito da linguagem e, portanto, algo tipicamente humano” (Lins, 1994b:49). Ainda que filosoficamente essa afirmação possa ser contestada, entende-se contextualmente que o autor queira dar ênfase a um tipo de linguagem racionalizada, e por isso, humana.

Conforme exposto, entende-se que para o MCS o significado deve ser buscado “na articulação entre crenças-afirmações e justificações, e não em uma suposta ‘essência’ da qual supostamente emana” (Lins, 1994b:49). Então, como foi dito, o significado é efetivamente o que se diz sobre algo, agora se afirma também que é uma crença-afirmação justificada com autoridade e legitimada por alguém que enuncia a mesma crença-afirmação com a mesma justificação. Discussão esta que será abordada posteriormente.

Interessante que a busca do autor pela compreensão quanto à produção de significados surgiu de sua curiosidade quanto aos erros de seus alunos em respostas esperadas como corretas a determinadas questões. Seus achados ao longo do estudo o fizeram perceber que erros e acertos são

relativos em termos de significados, por isso era preciso fazer o que ele nomeia de leitura positiva ou leitura plausível⁶ das respostas no Campo Semântico (Borges; Portilho, 2021).

A leitura positiva ou leitura plausível diz respeito à realização do ato de ler tomando-o como “aceitável neste contexto” (Lins, 2012:20), ou ainda, como um todo do que foi dito e é acreditado fazer algum sentido. Para ser caracterizada como uma leitura positiva, é preciso que não seja considerada um ato de ler com erro ou com falta de algo. Muitas vezes a falta de plausibilidade na leitura ou uma realizada com falta de algo, prejudica o processo de significação. Em termos simplificados, está se querendo dizer que não se deve fazer uma leitura de algo enunciado, tomando-o imediatamente como erro ou como falta, porque a ação de ler pode estar sendo realizada em um Campo Semântico diferente do qual a enunciação foi proferida.

Observa-se, logo de início, que o significado é produzido durante o que se diz dele, e não é dado *a priori*. Por isso, quando é indagado alguém ou algum enxerto de texto, não se concebe que cada um tenha um significado *a priori*. A indagação proporciona um encontro com um enunciado, e mostra algo sobre o que foi indagado, efetivando uma enunciação. O significado não está no enunciado, no entanto, será produzido na enunciação, conforme ressalta Lins (1994a:29), “está no domínio da fala, e não do texto” e é dessa forma que o conhecimento é gerado.

O Campo Semântico linsiano é o processo pelo qual sujeitos produzem significados para os objetos. Dessa forma, parece existir uma espécie de espaço-tempo ou condição em que algo passa a ter significado, seja uma palavra, uma expressão, uma ideia e outros. Trata-se de um processo que quando em ação gera condições para sua própria mudança. Dessa forma, segundo Lins (2012) o Campo Semântico se comporta como um jogo com regras flexíveis que podem ser modificadas a todo instante. Porém, ainda que as regras apresentem variações, o Campo Semântico permanece estável para todas as pessoas que nele estiverem, mesmo que existam diferenças locais no processo de produção dos significados, o que depende de outros fatores que serão apresentados a seguir.

Quando se fazem enunciações, no processo de produção de significados, normalmente se fazem justificações, as quais se adéquam ao Campo Semântico, onde os significados são produzidos. Segundo Lins (2012:21), “Não é justificativa. Não é explicação para o que digo. Não é algum tipo de conexão lógica com coisas sabidas. É apenas o que o sujeito do conhecimento (aquele que o produz, o enuncia) acredita que o autoriza a dizer o que diz”. Trata-se de argumentos que sustentam determinado significado em determinada atividade, resultando que um mesmo texto falado pode ter diferentes justificações e, portanto, gerar diferentes conhecimentos (Lins, 1994a, 1994b).

⁶ A leitura plausível é aquela que ao entrar em contato com uma resposta dada a uma pergunta, caso não exista correspondência ao que se espera como correto, busca-se compreender o que levou àquela resposta. Na sequência do texto será retomada essa noção.

Mas, por vezes, não se sente necessidade de justificações, porque há crenças fortes sobre o que se afirma. Nesse caso, ocorre o que Lins (2012) chama de estipulações locais, que têm o estatuto de legitimação das crenças. Segundo o autor, as estipulações locais "são, localmente, verdades absolutas, que não requerem, localmente, justificação" (Lins, 2012:26). No entanto, em determinadas ocasiões, pode ocorrer de uma estipulação local precisar de justificação, por exemplo, uma criança pode dizer que o jogo é para divertir, o que pode ser uma estipulação local tanto para crianças quanto para adultos em jogos lúdicos de forma geral. No entanto, se o jogo estiver sendo realizado em perspectivas de alta competição, o caráter de diversão não é tão presente, e sim a seriedade, exigindo a justificação.

As estipulações locais terão ênfase no MCS, porque delas surgem essencialmente os significados, uma vez que elas constituem os núcleos. Então, o que Lins chama de núcleo, é um conjunto de estipulações locais na produção de significados (Lins, 2012). Assim sendo, o núcleo se forma por crenças locais consideradas absolutas, sem necessidade de algo que lhes dê autorização para serem ditas. Se há crenças, por exemplo, de que o jogo diverte, de que o jogo promove catarse, de que o jogo é ferramenta educativa, vai-se constituindo um núcleo que oferece significação para dentro de um Campo Semântico do que seja o jogo.

Para Santos (2007) o núcleo é a convenção ou legitimação no interior de um grupo, ou cultura, permeado da ideia de localidade. Assim, reitera-se que fora do seu local, algo considerado como estipulação local pode precisar de justificação, mas a justificação poderá se tornar núcleo.

Chega-se a um conceito central, porque se as estipulações são essenciais para a produção de significados, uma vez que são convicções legitimadas no interior de uma atividade; são elas que constituem os núcleos como conjuntos dessas crenças que não precisam de justificação por ser consideradas legítimas. Em vias finais, são os núcleos que expressam os significados (Silva, 2003).

No entanto, Silva (2003) e Santos (2007) advertem para os equívocos que podem ser cometidos em pensar que o núcleo seja estático e imutável. Cada núcleo é um movimento constituído no interior de uma atividade e deixa de existir quando a atividade chega ao seu fim. Uma nova atividade constitui um novo núcleo, novas estipulações locais, quando poderá haver inclusão ou exclusão de estipulações locais em relação a núcleos anteriores.

É preciso ainda que se diga que um objeto pode possibilitar significados diferentes (toma-se o mesmo exemplo do jogo lúdico) e, se assim ocorre, acredita-se que são interpretações distintas, mas para o MCS compreende-se que os objetos são constituídos em atividades diferentes (Silva, 2003). Caso isso ocorra, se deve dar atenção especial aos núcleos, mas nos remete também à importância da apropriação que o MCS faz sobre o 'novo' e o 'dado', tomado da discussão de Bruner (1997) realizada no campo da linguística. Para esse autor, quando se está elaborando uma enunciação, tudo sobre o que se silencia é dado e o novo é justamente o que se diz. Todas as vezes

que se silencia sobre algo que é dado, também se está silenciando sobre algo que tem caráter de crença, de estipulação local. A existência de algo como crença traz consigo sua desnecessária exposição. Mas o novo não se trata de algo que surge de demandas problematizadas e que segundo Santos (2007) é o que se quer conhecer, classificar e entender. Por ser algo a ser conhecido, normalmente o novo estará na enunciação, portanto, é algo importante na produção de significado.

Para exemplificar o 'dado' e o 'novo', considera-se o exemplo tratado dos significados do jogo. Imaginemos que os sujeitos chegam ao mundo acadêmico com enunciados estabilizados sobre jogo, mas tudo é algo 'dado', crenças formadas ao longo de diversas experiências anteriores que designam significados para esse objeto. Ao entrar em contato com meio acadêmico, encontram enunciações permeadas do 'novo', porque encontram enunciados realizados em atividades diferentes, estabelecendo novos significados.

Os conceitos até aqui são relevantes para a produção de significados. No entanto, enquanto teoria do conhecimento, é necessário dizer que Lins (2012) concebe a produção de significados no MCS em um processo comunicativo, o qual se dá em um esquema denominado por ele de autor-texto-leitor. A relação entre esses elementos estabelece o que o professor matemático chamou de espaço comunicativo, qual seja, o espaço-tempo da comunicação entre autor-leitor-autor, mediado pelo texto. Tal discussão se faz importante para o esquema de produção de significados, uma vez que envolve o procedimento da enunciação, a qual está presente na primeira tríade relacional mencionada acima, e é justamente o elemento que faz surgir a segunda tríade.

De forma simplificada, para os limites do presente texto, entende-se que para Lins (2012) o autor é o sujeito que faz enunciados; o leitor é o que produz significados por enunciações e o texto é qualquer resíduo de enunciação para a produção de significados, sendo que Santos (2007) diz que o texto não é somente material escrito. Como os pesquisadores deram ênfase anteriormente à importância da enunciação no processo de produção de significados, é relevante agora situá-la na relação entre autor e leitor, mediada pelo texto.

De acordo com Lins (2012), quando algo é enunciado, não é necessariamente para alguém enquanto um sujeito biológico, mas para qualquer sujeito cognitivo e, da mesma forma, quem enuncia não é *a priori* alguém representado como um ser biológico, mas outro ser cognitivo. O espaço comunicativo se estabelece, então, entre dois seres cognitivos, que nos argumentos linsianos são chamados de 'um': um autor e um leitor, embora em tempos distintos. Inicialmente, há 'o' autor, o qual não é um ser biologizado, e enuncia na direção de 'um' leitor (ser cognitivo), o qual é concebido por aquele 'o' autor. 'Um' leitor, ao tomar contato com o enunciado, torna-se 'o' leitor e, com esse enunciado, que Lins (2012) chamou de resíduo de enunciação (texto), o leitor faz sua enunciação na direção de 'um' autor (ser cognitivo), o qual é concebido por esse 'o' leitor, e ao

assim agir, torna-se agora o autor (porque produz significado). Daí que a tríade autor-texto-leitor, em termos de produção de significado, torna-se uma tríade.

Contudo, o processo de enunciação mencionado, não significa, segundo Lins (2012), a morte do autor (inicial), mas do leitor. Ao fazer sua enunciação, o leitor-autor interage com ‘um’ autor (ser cognitivo) fazendo dele seu interlocutor. Apenas quando o leitor faz enunciação é que ele produz significado, ou seja, transformando-se também em autor é que ele se faz leitor. Neste caso, o espaço comunicativo possibilita alternância nas posições de autor e leitor sob mediação do texto, mas o significado é produzido considerando o Campo Semântico onde tudo ocorre⁷.

Em toda a obra de Lins, na referência vista nos parágrafos anteriores, publicada em 2012, foi encontrada a única passagem em que o autor faz um diálogo com Wittgenstein e o fez com a obra *On Certain*⁸. A referência ao filósofo ocorre para sustentar a relação entre autor-texto-leitor como importante mecanismo da produção de significados. Acredita-se que essa aproximação dos autores Lins e Wittgenstein se deu a partir da orientação da dissertação de mestrado de Rejane Julio, defendida em 2007. Esta aproximação será retomada na penúltima parte do presente texto.

Como se pôde ver, há uma dinâmica no MCS quanto à produção dos significados, por conta dos movimentos gerados pelas mudanças de atividades que proporcionam novas estipulações locais e núcleos, assim como pela alternância entre autor e leitor. Em todo esse processo é preciso chamar a atenção de que ao considerar os diferentes Campos Semânticos, muitas vezes há a necessidade de se fazer a mencionada leitura positiva ou leitura plausível.

Ainda que de modo simplificado, a apresentação das ideias geradoras do MCS, a nosso ver, faz com que a proposta linsiana se torne um interessante objeto de estudo na perspectiva da linguagem.

O significado na filosofia da linguagem de Wittgenstein

Esta pesquisa, em oportunidade, mencionou que a discussão sobre significado aparece nas duas fases de Wittgenstein, embora sob perspectivas e argumentos diferentes. Nesta leitura é importante observar a transição de abordagem, que ocorreu por um processo de amadurecimento do filósofo. No entanto, os leitores poderão constatar que é na segunda fase que são encontrados argumentos mais propositivos ao interesse do presente texto. Também é preciso dizer que, Martins (2000), Kujawa (2009), Barros (2019) e entre outros estudiosos se detiveram em apresentar de

⁷ A ideia linsiana de um ‘ser cognitivo’ que tanto pode ser ‘um autor’ quanto ‘um leitor’ tem a marca do matemático brasileiro em tela. Mas, pode ser dialogada com as perspectivas teóricas de Foerster (1979, 2003, 2006); Maturana (1999); e Maturana e Varela (1980, 1997), quando ambos propõem formas diferenciadas de conhecer/compreender objetos e sujeitos, entre os quais transitam os significados. Dado os limites do presente texto e a densidade do potencial diálogo que neste íterim não há como desenvolver, mas acredita-se que vale a pena o leitor conferir.

⁸ Wittgenstein (1974).

forma densa elementos da teoria wittgensteiniana a respeito dos significados. Em cada um desses estudiosos, como ocorre em outros, observa-se a preocupação com a forma de descrever a ocorrência dos significados na linguagem, embora aqui seja menos ousado, ainda que seja realizado um esforço de expor as principais reflexões.

Em Wittgenstein (1968) é mostrado o funcionamento da linguagem lógica da ciência, preocupado que estava com a diferenciação da linguagem cotidiana. A intenção do filósofo nessa obra, que marca sua primeira fase, é fazer a análise da fundamentação lógica da argumentação científica, a qual, segundo ele, tem um funcionamento tautológico na sua lógica de argumentação, o qual não é mostrado na linguagem cotidiana, nem mesmo na Filosofia.

O filósofo alemão problematiza a linguagem cotidiana, assim como problematiza a Filosofia, porque ambas não permitem afirmar com grau de certeza os seus discursos (Wittgenstein, 1968). Os argumentos da problematização estão centrados na linguagem, no caso, desse primeiro momento, na diferenciação entre a linguagem científica com referencialidade e as linguagens que têm pretensão de afirmar verdades, mas sem referencialidade. Por isso o filósofo mais tarde, em sua segunda fase, afirma que toda linguagem possui uma lógica e, dessa forma, a linguagem não pode ser dita, apenas mostrada por meio daquilo que só em sua maturidade teórica ele denominou de jogos de linguagem (Wittgenstein, 2009), cujo conceito logo será retomado na sequência.

A partir de como Wittgenstein constitui sua ideia a respeito da linguagem com valor referencial de verdade, foi possível conhecer como ele estabelece as ideias a respeito das significações. O autor do *Tractatus* diz que o significado se estabelece na relação entre os objetos, não havendo sentido em qualquer objeto em si mesmo, isto é, “fora da possibilidade de sua ligação com outros” (Wittgenstein, 1968, § 2.0121).

O raciocínio descrito anteriormente sobre os objetos – de que um objeto para ser pensado é necessário estar em relação com outros objetos em situações dadas – também vale para que sejam atribuídos significados às palavras. Segundo o pensamento de Wittgenstein (1968), uma palavra passa a ter significado no contexto de uma frase. Uma palavra isolada não diz muita coisa a respeito de si mesma, porque o significado ainda está no nível primitivo, quando a significação se dá pela nomeação dos objetos. Ao dizer que a nomeação só tem sentido no contexto da frase, o filósofo nessa obra está considerando o contexto como situação, posicionamento em relação a um todo.

Martins (2000) e Bastos (2013) dizem que a significação por nomeação se dá por um tipo de mentalismo, o que segundo Wittgenstein (1968) seria uma figuração (um tipo de representação simbólica) do que se está tentando dizer. No entanto, a efetividade de significação somente passa ocorrer quando se mostram os aspectos lógicos referenciais, isto é, quando há convergência entre elementos do figurado e as coisas, ou ainda, dito de outra forma, referencialidade, o que Wittgenstein (1968) chama de afiguração.

Então propomos fazer até aqui um exercício de fixação! No *Tractatus*, o filósofo diz que somente a palavra no contexto da frase ganha sentido, porque dá valor de verdade ou falsidade a uma sentença (Wittgenstein, 1968)⁹. Nesse caso, quando se diz “carro”, não há significado pleno, mas se dizemos “o carro está na garagem” há a possibilidade compreender a veracidade ou não da sentença.

Em termos de aprofundamento do acima mencionado, a significação das palavras foi melhor explicitada ao diferenciar a figuração da afiguração. A primeira corresponde ao signo na linguagem, que é a proposição (composição de signos), tendo como correspondência no mundo o fato, isto é, o afigurado. A afiguração é o processo resultante entre a figuração e o figurado, ou seja, entre a proposição e o fato, o qual só é possível pelo princípio de identidade entre a figuração e afigurado, o qual se chama de isomorfia. É essa isomorfia que permitirá com que a figuração (proposição composta por signos), possa dizer o fato (o figurado), enquanto a afiguração vem a ser a operatividade desses elementos no que o filósofo chamou de multiplicidade combinatória. Segundo o filósofo, nessa multiplicidade combinatória, em termos de esfera do mundo, vamos dos objetos simples até o fato e no âmbito da linguagem vamos dos signos simples até a proposição (Wittgenstein, 1968).

Dessa forma, o que dá valor de verdade a uma sentença é a correspondência entre a figuração e o afigurado, ou seja, entre a proposição e sua correspondência na realidade que é o fato. A não correspondência confere falsidade a uma proposição. Vê-se assim que o sentido está na correspondência entre a figuração e o figurado (Wittgenstein, 1968).

É justamente na reflexão acima descrita que se constitui a crítica de Wittgenstein à Filosofia, quanto à sua pretensão de ser ciência. Conforme o filósofo, “na figuração e no afigurado deve haver algo de idêntico, a fim de que um possa ser, de modo geral, uma figuração do outro” (Wittgenstein, 1968, § 2.161). Segundo a proposição wittgensteiniana, a linguagem da ciência é tautologicamente lógica e demonstrada experimentalmente, de forma a dizer o que existe no mundo, mas não pode ser determinado. Bem, por isso o filósofo parece preferir não falar de coisas (objetos), mas de estado de coisas, este que é afigurado pela ciência, isto é, representado da maneira mais fiel possível, porque é tautologicamente reafirmado.

Em complemento ao argumento descrito, Wittgenstein (1968) diz que as “verdades” da Filosofia não afiguram as figurações, ou seja, não há correspondência na realidade para o que se diz; ou seja, os temas da Filosofia não existem como objeto evidenciável, ou dito de outra forma, não tem referencialidade; logo, não se pode dizer com a pretensão de valor de verdade. Dessa

⁹ Trata-se de uma afirmação que precisa ser entendida enquanto entendimento do que gera sentido a uma sentença, isto é, seu valor de falsidade ou de verdade.

forma, a linguagem até aqui considera que na forma argumentativa o sentido está ligado à referencialidade

Os breves argumentos discutidos sobre significado no *Tractatus* são apenas para expressar que embora nessa obra Wittgenstein tenha embrionariamente tocado na questão da significação atrelada ao uso das palavras (Wittgenstein, 1968, § 3.326; 3.326), somente nas Investigações Filosóficas é que essa temática é desenvolvida. Mas, antes de entrar propriamente na discussão a respeito do significado pelos usos, é necessário dizer que as críticas feitas à Filosofia na primeira fase de Wittgenstein são aprofundadas na segunda fase.

Um exemplo desta afirmação está no aforismo 116 das Investigações Filosóficas, pelo qual o filósofo volta à carga de críticas a respeito do que a Filosofia não pode dizer, porque a sua linguagem não tem o mesmo uso linguístico da ciência, justamente por não poder evidenciar o que diz (Wittgenstein, 2009). Assim se expressa o filósofo no mencionado aforismo:

Quando os filósofos usam uma palavra – “conhecimento”, “ser”, “objeto”, “eu”, “proposição”, “nome” – e almejam a apreender a *essência* da coisa, temos sempre que nos perguntar: seria, pois, essa palavra realmente usada assim na linguagem em que ela tem a sua morada? – *Nós* reconduzimos as palavras de volta do metafísico para o seu emprego cotidiano (Wittgenstein, 2009, § 116).

A crítica reiterada à Filosofia é justamente por essa recalcitrância de se envolver no que Martins (2000:21) chamou de “uma empreitada intelectual humana, a saber, a especulação filosófica sobre o que as coisas são, a busca da determinação de suas essências”. Quase sempre a essência diz respeito à própria palavra, não importando seu significado, o que é combatido por Wittgenstein (2009:§120) quando diz que “não é a palavra que importa, mas seu significado”.

A crítica à busca do essencialismo pela filosofia remete àquela discussão entre nomenclatura dos objetos pelas palavras e uso das palavras no contexto, assim como aos jogos de linguagem (Wittgenstein, 2009: § 7). Martins (2000) nos diz que é fácil responder a uma criança quando nos pergunta o nome de uma coisa, mas não que seja fácil responder ao significado da palavra que figura a coisa, e isso ocorre porque os significados “só podem ser conhecidos e aprendidos no contexto das atividades humanas em que essas palavras e esses objetos se inserem e das quais não se dissociam” (Martins, 2000:31).

É preciso considerar que o termo ‘contexto’ aparece nas Investigações Filosóficas com outra significação em relação ao *Tractatus Lógico-Philosophicus*. A ideia é de similaridade linguística ou uma espécie de parentesco linguístico. Talvez por isso, muitos tradutores utilizem o termo ‘comunidade linguística’, o que corresponderia ao contexto. Segundo Barros (2019), é no contexto que os significados são compreendidos pelos usos linguísticos, no que lhe concerne, constituem a estrutura dos jogos de linguagem, os quais são sempre regulados ainda que sejam possíveis alterações nas regras.

Segundo o mesmo autor, a regulamentação ocorre por os usos serem necessariamente lógicos, ou então não seriam linguísticos, uma vez que a estruturação é condição para o compartilhamento sígnico, portanto, das modulações do significado (Barros, 2019). Mas, como dito, as regras podem se alterar, mudando também de jogo, para que, em um contexto, possa haver significado justamente devido às similaridades linguísticas.

O que se pode visualizar, de forma geral, na obra que marca a segunda fase de Wittgenstein é que o interesse na linguagem tem um sentido mais amplo do que havia no *Tractatus*, isso por conta de sua preocupação com a linguagem ordinária. Naquela ocasião, a ênfase não era em nenhum tipo de normatividade nas análises, mas em uma reposição da Filosofia diante do discurso científico que despontava com supremacia na modernidade, justamente porque utilizava de uma forma referencial.

A despeito dos múltiplos usos das palavras em diferentes contextos, Wittgenstein guarda coerência na crítica quando compara a linguagem da Filosofia à da ciência, porque ele diz que na linguagem científica o significado precisa ser defendido, do contrário o mesmo será dado apenas pelo uso, pelos diferentes jogos linguísticos (Wittgenstein, 2009:23). Nesse caso, em uma leitura daquilo que o nosso filósofo está afirmando nessa mesma obra, se percebe a Filosofia como uma boa proposição teórica, mas que não pode ser doutrinal, do contrário cairá no que Wittgenstein (2009) chama de erro, isto é, de “buscar uma explicação onde deveríamos ver os fatos como ‘fenômenos originários’”. Isto é, onde deveríamos dizer: *joga-se este jogo de linguagem*” (Wittgenstein, 2009:654, grifos do autor).

Quanto à linguagem cotidiana, ainda se pode observar traços de uma concepção originária da linguagem, isto é, aquela que inicia pela nomeação dos objetos. Mas a linguagem mesmo no cotidiano avança para um nível mais elevado, por meio dos jogos linguísticos, cujos significados dos objetos e palavras se dão pelo uso. Assim, Martins (2000) nos ajuda a entender a proposição wittgensteiniana dizendo que para sabermos o significado de algo ou de uma palavra precisamos saber em que jogo linguístico está situado, sendo que esse jogo obedece a regras determinadas, uma vez que a linguagem é “um fenômeno regulado” (Martins, 2000:24).

Portanto, os jogos linguísticos que agora são tratados se referem a princípio exatamente aos contextos, nos quais a linguagem ocorre. Os exemplos podem ser diversificados como o que o filósofo demonstrou com o uso da palavra “placa” (Wittgenstein, 2009:19), o qual apresenta diferentes significados em diferentes contextos. Algo semelhante é facilmente percebido no Brasil ao tentar entender diferentes significados em sentenças que levem essa mesma palavra, caso não se tenha referencial na realidade.

No entanto, retomando a contribuição de Martins (2000), corroborada pelas contribuições de Barros (2019), observa-se que em Wittgenstein as palavras ganham significado na linguagem, não

simplesmente pelo seu uso, mas porque as palavras quando proferidas no jogo linguístico são feitas de forma regulada. A esse respeito, Wittgenstein (2009) diz que “quem profere uma sentença, e com ela *significa* ou *compreende*, exerce, com isso, um cálculo segundo regras determinadas” (Wittgenstein, 2009:81, grifos do autor).

Segundo a reflexão ao longo desta discussão, compreendemos o significado de uma palavra ou sentença, assim como a nossa permanência em um jogo linguístico conforme suas regras. Martins (2000:16, grifos do autor) nos diz que o mesmo ocorre se a palavra ou sentença for “tomada como adequada no *contexto* particular em que ela é produzida: na situação particular, segundo os costumes da cultura particular, no momento particular da história, etc.”

A partir das notas de tradução das Investigações Filosóficas, da mesma maneira que vimos em comentadores como Glock (1998), podem-se compreender essas particularidades apontadas por Martins (2000) como ocorrendo em uma comunidade linguística. É justamente na comunidade linguística onde João José R. L. de Almeida – tradutor das Investigações Filosóficas¹⁰ – diz que podem ser compartilhados os jogos de linguagem.

É preciso dizer, no entanto, que o jogo linguístico é constante, porém as regras não permanecem constantes, mas sim reconfiguradas com o passar do tempo, e isso faz com que a linguagem sempre seja incompleta, justamente por ser dinâmica. Martins (2000) chama a isso de mudança de cláusulas contratuais no jogo. É importante considerar, no entanto, que as regras do jogo têm aspectos pragmáticos que se expressam na situação de nomeação dos objetos, e segundo Wittgenstein (2009), ainda que tenham usos variados, as regras conferem alguma estabilidade, mas não suficiente quando se trata da construção do conhecimento.

Corroborando a discussão desenvolvida, Freitas e Silva (2018) auxiliam na compreensão de que o significado de uma palavra estará com frequência atrelada ao seu uso. Sendo esse mecanismo um jogo (linguístico) e para a compreensão do significado é preciso compreender as regras de uso no interior do jogo que ocorre na comunidade linguística. Em termos de sentido e significado, o valor de verdade, como dito, necessita da evidenciação das proposições.

Toda proposição tem uma estrutura lógica, uma vez que essa é uma condição para ser proposição. Em termos de sentido, para que exista, visto no *Tractatus* a defesa da referencialidade, mas nas Investigações Filosóficas a referencialidade é um pressuposto, embora não seja argumento último para o critério de verdade ou falsidade da proposição. O sentido da proposição está posicionado dentro de um jogo de linguagem, ainda que não seja pré-determinado.

¹⁰ O termo comunidade linguística não, é algo que se tenha encontrado nas Investigações Filosóficas, mas aparece no número 9 e no número 20 das notas de tradução, ao final de Wittgenstein (2009). Pode ser dito como contexto e, se corrobora que seja um termo adequado para dizer onde ocorrem os jogos de linguagem que tornam compreensíveis as proposições.

Em síntese, pode-se dizer que em Wittgenstein a linguagem sempre é regulada. No caso da linguagem científica, ainda que existam posicionamentos em jogos de linguagem, essa deve ser referencial, isto é, com o sentido associado ao significado. Mas, mesmo o discurso científico, como os discursos proferidos por outras formas de conhecimento, tem o sentido dado nos jogos de linguagem, os quais são sempre regulados, ainda que exista dinâmica nas regulações.

O MCS à luz das contribuições de Wittgenstein

Ainda que tenham sido mostrados aspectos fundamentais da proposta do MCS como explicação para a produção de significados, e depois tenha se discutido aspectos relevantes da filosofia de Wittgenstein que implicam no debate sobre significado, nesse tópico tem-se a intenção de tecer comentários a respeito de como os pressupostos do MCS podem ser analisados a partir das contribuições Wittgensteinianas¹¹.

Ao examinar os fundamentos conceituais do MCS se adentra primeiro ao conceito de significado. O criador do método diz que o significado de um objeto é o que efetivamente se diz sobre ele no interior de uma atividade, isso vale também para as palavras. Diz ainda que atividade é relação entre objeto e motivo. Wittgenstein (1968) inicialmente discorre sobre o significado na concepção originária, quando se relaciona um objeto a um nome, mas em outra fase de seus escritos atribui o significado das palavras à referencialidade e ao uso dentro de um contexto (Wittgenstein, 2009). No decorrer dos seus argumentos em fase mais madura, em se tratando de contexto, o autor situa o significado no âmbito dos usos que ocorrem nos jogos linguísticos.

Tomando um conceito importante do MCS, o de núcleo, observa-se que sua constituição se dá a partir de estipulações locais e essas mesmas consideradas como crenças legitimadas. Pode-se conceber que as crenças sem justificações sejam afirmações cujos enunciados correspondam com a realidade, por isso acreditados. Se assim o for, Lins (2012) está bem próximo da ideia expressa na primeira fase wittgensteiniana, de uma linguagem que possa ser dita com pretensão de verdade, pois parece que se trata do mesmo que relacionar a figuração com uma afiguração.

Apenas uma condicionante para a possibilidade de aproximação argumentada no parágrafo acima: as estipulações locais que constituem núcleos precisam de fato demonstrar a

¹¹ Tivemos a oportunidade de mencionar que em toda a obra de Rômulo Lins, propositor do MCS, encontramos uma única referência a Wittgenstein. Da mesma forma, informamos agora que em uma revisão feita na base de dados *Scielo*; no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério da Educação (MEC); e utilizando a ferramenta *Conected Papers*, que utiliza de recursos visuais para facilitar a busca e exploração de trabalhos acadêmicos publicados *on line*, encontramos apenas dois autores – Rejane Julio e Thiago Pinto – com publicações de trabalhos que intencionam aproximar a filosofia de Wittgenstein aos pressupostos do MCS. Em ambas as buscas, utilizamos os mesmos indexadores: Wittgenstein, MTCS, MCS, encontrando cinco referências, sendo duas da primeira autora e três do segundo autor. Ao longo do tópico que ora se desenvolve, inseriremos os achados das buscas informadas para tecer nossos comentários.

correspondência entre as sentenças e realidade do mundo. O MCS admite que os núcleos não são realidades estáticas, embora estejam submetidos a regras que se relacionam com as estipulações locais que os constituem. Isso favorece também a aproximação com os jogos de linguagem wittgensteiniano e suas possibilidades de reconfiguração, mediante a reconfiguração das regras.

Em outro ponto que merece destaque, vê-se que a ideia do MCS não destoa das proposições Wittgensteinianas, na medida em que tanto a ideia de ‘atividade’ e o próprio conceito de Campo Semântico de Lins (2012) se aproximam do ‘contexto’ de Wittgenstein no *Tractatus*. Quanto ao dizer efetivo, a nosso ver se aproxima bastante da ideia de jogo linguístico.

Julio (2007) e Pinto (2009) concordaram entre si que o conceito de ‘núcleo’ desenvolvido pelo MCS se aproxima do conceito de jogos de linguagem de Wittgenstein. A primeira autora afirmou que quando uma enunciação se realiza em um jogo de linguagem diferente de outro, equivale a dizer que estaria ocorrendo uma mudança de núcleo, se estiver usando termos do MCS (Julio, 2007). No entanto, quando argumenta essa comparação, a autora diz que “Quando o núcleo muda, passamos a operar num outro campo semântico, que é a ‘atividade de produzir significado em relação a um núcleo’ ou passamos a operar num outro jogo” (Julio, 2007:58-59).

Na perspectiva dos autores desta pesquisa, ainda que o núcleo tenha uma importância capital no processo de produção de significado, as noções de Atividade e de Campo Semântico são mais amplas em termos de condições para que os significados sejam produzidos, e justamente aí é que se faz possível a aproximação aos jogos de linguagem de Wittgenstein.

Como ressaltado, Pinto (2009) corrobora a aproximação dos pressupostos do MCS com a ideia de jogos de linguagem wittgensteiniana, buscando apoio nas considerações da autora supramencionada. No entanto, em seu trabalho, o autor reconhece algumas limitações para produzir significados no âmbito da linguagem da Matemática formal utilizando o MCS, e por isso recorre à noção de jogos de linguagem, a qual lhe possibilita falar de jogos de linguagem da matemática formal diferenciados dos jogos de linguagem de determinadas atividades cotidianas.

Apesar do súbito afastamento entre as duas perspectivas apontadas por Pinto (2009), o autor corrobora novamente com Julio (2007; 2016) em um tipo de complementação entre ambas as perspectivas teóricas. Se por um lado, a perspectiva dos jogos de linguagem permite compreender determinados significados de forma mais completa no âmbito da linguagem da matemática formal, do que ocorreria ao aplicar o MCS, nesse último, é possível compreender os significados produzidos em determinadas linguagens, inclusive na matemática formal com a utilização da noção de leitura positiva ou leitura plausível. Sobre a temática da leitura positiva, Julio (2007) diz que:

Quando alguém fala e aplica *dimensão* diferentemente de uma outra pessoa, Wittgenstein [...] diria que elas não estão no mesmo jogo de linguagem, que houve ou um erro de aplicação da regra ou um outro modo de operar com a regra (que gera um outro jogo de linguagem nem melhor, nem pior que o anterior, é um outro jogo). Já no MCS, quando lemos que as pessoas operam diferentemente com uma noção, o que queremos não é caracterizá-la pela falta, dizendo que ela não está no mesmo jogo de linguagem que o nosso, ou que houve um erro, que a pessoa não está sabendo operar com algo, que falta a essa pessoa conteúdo ou desenvolvimento intelectual. O que está em foco é tentar entender como uma pessoa faz o que fez, ‘é buscar fazer uma leitura do outro através de suas legitimidades, seus interlocutores, compartilhando o mesmo espaço comunicativo’ (59).

A perspectiva da leitura positiva parece apontar como chave para as possibilidades de flexibilidade mencionada antes existir no MCS. Ao conceituar o Campo Semântico como o processo onde se constituem os significados, Lins (1999a; 1994b) afirmou que este se comporta como um jogo com regras flexíveis que podem ser modificadas a todo instante. Wittgenstein (2009) também afirmou que nos jogos de linguagem, apesar de existir normatividade, há uma dinâmica, porque as regras se reconfiguram no próprio jogo. Mais uma vez acredita-se que no MCS há uma correspondência com as ideias wittgensteinianas.

Uma última reflexão pode ser feita na comunicação estabelecida na tríade autor-texto-leitor realizada no espaço comunicativo que constitui o Campo Semântico. Talvez possa se considerar a produção de significados que ocorre no espaço comunicativo preconizado pelo MCS como tendo proximidade com a ideia de produção de significados que ocorre por meio dos jogos de linguagem wittgensteinianos que se estabelecem na comunidade linguística. Se assim considerar, pode-se acreditar que ambas as ideias possibilitam a compreensão a respeito de como surgem os significados e de como são legitimados.

A modo de considerações finais

Foi realizada uma breve discussão na qual se compreendeu que a temática do significado atravessa diversos campos para além da Filosofia e, mesmo nesse campo, o debate se estende desde a antiguidade. O foco, no entanto, esteve na atenção sobre a obra de Wittgenstein, em razão da legitimidade desse filósofo na sua ruptura com a tradição filosófica em termos de uso da linguagem. Como o debate em torno do significado está em diversos campos, também foi encontrado na proposta teórica apresentada pelo professor Rômulo Lins, chamada de Modelo dos Campos Semânticos (MCS).

Por meio de sua proposta, o autor supracitado pretende identificar e explicar a produção de significados para os objetos. Assim, de forma concreta, estabeleceu-se como objetivo identificar as bases da filosofia analítica de Wittgenstein e, ao aproximá-las do MCS, compreender os argumentos que lhe dão sustentação quanto à explicação da produção de significados.

Em termos de propostas metodológicas, tomaram-se os principais argumentos de Wittgenstein a respeito da temática ‘significado’ em duas de suas principais obras: O *Tractatus Lógico-Philosophicus* e as *Investigações Filosóficas*. Foram utilizados também os principais conceitos dentro dos fundamentos conceituais propostos pelo MCS na explicação dos significados. Para ambas as perspectivas teóricas, recorreram-se à leitura de comentadores dos dois autores propositores das mesmas.

Ao examinar as duas perspectivas teóricas e as tentativas de aproximação entre as mesmas, inclusive discutindo as aproximações operadas por autores no campo da educação matemática, foram encontradas possibilidades de diálogo em aspectos pontuais: a primeira diz respeito às acepções de significado, que permitem observar o diálogo entre o MCS e Wittgenstein. A noção de significado no MCS está dada desde a tese propositiva de Rômulo Lins, publicada em 1992, e a noção de significado em Wittgenstein aparece desde o *Tractatus Lógico-Philosophicus*.

Aproximações são possíveis se tomados os conceitos de núcleo, atividade e Campo Semântico, presentes no MCS, e compará-los aos jogos de linguagem wittgensteinianos. Em ambas as perspectivas, é forte a ideia de significado que surge em relação aos ‘contextos’, o que, neste caso, cabe o sentido amplo de contexto na obra do filósofo como um todo.

Dois aspectos a mais completam o exercício de aproximação entre as perspectivas teóricas aqui mencionadas, ambas relacionadas ao que Wittgenstein discute nas *Investigações Filosóficas*. Um deles se refere ao que o MCS chama de leitura positiva, que permite a tentativa de compreensão dos significados para além do erro ou da falta. Em Wittgenstein, observou-se que dificuldades de compreensão de significados se dão em determinados casos porque há diferentes tratamentos para com as regras do jogo de linguagem, ou quanto à aplicação, ou quanto ao modo de operar, gerando outro jogo, nem melhor, nem pior, apenas diferente.

Quanto ao que mencionado acima, é preciso dizer quanto a isso que tanto o MCS quanto a perspectiva de jogos de linguagem admitem que haja regras de usos na linguagem e ambas as perspectivas admitem flexibilidade nessas regras. A implicação final é a possibilidade de produção de diferentes significados em razão das flexibilidades.

O último aspecto diz respeito justamente à comparação entre espaço comunicativo e comunidade linguística. O primeiro termo existe no MCS como sendo o espaço onde ocorre a comunicação entre autor e leitor mediados pelo texto, sendo aí produzidos os significados. O segundo termo se refere ao contexto onde ocorrem os jogos de linguagem e onde são produzidos significados em razão das similaridades linguísticas. Como se vê, em ambos acontece a produção de significados e é interessante observar a relação desses conceitos com a condição de existência do ‘contexto’.

Temos convicção de que nossas reflexões aqui são apenas provisórias, pois argumentos mais apurados precisam de um aprofundamento maior nas obras de Wittgenstein e de Lins, assim como de seus respectivos comentadores. Certamente não fugiremos a essa tarefa.

Rcebido em 25-01-2022

Modificado em 02-06-2022

Aceito para publicação em 09-07-2022

Referências

- ARISTÓTELES, (1985), *Organon: I Categorias, II Periermenéias*. Tradução, Prefácio e Notas de Pinharanda Gomes. Lisboa, Guimarães Editores Ltda.
- BORGES, Carlos N.; PORTILHO, Gilberto O. N. de S. (2021), “Produção de significados para o esporte”. *Conexões*. v. 19, e021008. pp. 1-2 [Consult. 05-07-2022]. Disponível em <https://doi.org/10.20396/conex.v19i1.8659089>
- BARROS, Roberto de A. P. de (2019), “Normatividade e Justificação na Reflexão Ética de Wittgenstein”. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, v. 7, n. 1, pp. 345-366. [Consult. 21-01-2022]. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/23041>
- BASTOS, Carolina O. (2013), “A interpretação de Wittgenstein sobre a linguagem agostiniana”. *Sacrilégens*, v. 10, n. 2, pp.152-162. [Consult. 21-01-2022]. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilégens/article/view/26765>
- BERTICELLII, Ireno A.; SCHIAVINI, Daniela P. (2013), “Significados da Pragmática Linguística na Formação de Leitores”. *Educação & Realidade*, v. 38, n. 2, pp. 571-586. [Consult. 21-01-2022]. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edreal/a/rSY7YMyFqpbKQbjFmrhyNKH/?lang=pt>
- BRUNER, Jerome (1997), *Atos de Significação*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- FANN, Kuang T. (1999), *El concepto de filosofía en Wittgenstein*. Madri, Editorial Tecnos.
- FOERSTER, Heinz V. (1979), “Cybernetics of cybernetics”, in K. Krippendorff (Ed.), *Communication and Control in Society* New York, Gordon & Breach, pp. 5-8.
- FOERSTER, Heinz V. (2003), *Undertanding Undertanding*. Essay on Cybernetics and Cognition. New York, Springer-Verlag.
- FOERSTER, Heinz V. (2006), *Las semillas de la cibernética*. Barcelona, Gedisa.
- FOGELIN, Robert J. (1997), “Wittgenstein’s critique of philosophy”, in: SLUGA, Hans. D.; STERN. David. G. (Org.). *The Cambridge Companion to Wittgenstein*. Cambridge, Cambridge University Press. pp. 34-58.
- FONSECA, Maria de J. M. da (2009), “Introdução à Hermenêutica de Paul Ricoeur”. *Millenium - Revista do Instituto Politécnico de Viseu*, n. 36, v. 14, s.p. [Consult. 21-01-2022]. Disponível em <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8284>
- FREITAS, Edivaldo S. de; SILVA, Ícaro G. (2018), “Gramática dos jogos de linguagem e significado no segundo Wittgenstein”. *Kínesis*, v. 10, n. 25, pp.128-148. [Consult. 10-01-2022]. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/8598>
- GAMBARATO, Renira R. (2005), “Signo, significação, representação”. *Contemporânea*, v. 3, n. 1. P. 205-214. [Consult. 10-01-2022]. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17080>
- GLOCK, Hans-Johann (1998). *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

- JULIO, Rejane S. (2016), “Produzindo significado para uma leitura da produção de significados matemáticos e não-matemáticos para dimensão”. *Perspectivas da Educação Matemática - INMA/UFMS*, v. 9, n. 20, pp. 501-515. [Consult. 12-02-2022]. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/820>
- JULIO, Rejane S. (2007), *Uma leitura da produção de significados matemáticos e não-matemáticos para “dimensão”*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, São Paulo.
- KUJAWA, Israel (2009), “Considerações sobre o conceito de significação”. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 1, n. 1, pp. 103-113. [Consult. 12-02-2022]. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5154990>
- LINS, Romulo C. (1992), *A framework for understanding what algebraic thinking is*. Thesis (Phd) – University of Nottingham, Nottingham. 330p.
- LINS, Romulo C. (1994a), “O Modelo Teórico dos Campos Semânticos: Uma análise epistemológica da álgebra e do pensamento algébrico”. *Dynamis*, v. 1, n. 7, pp.29-39. [Consult. 12-02-2022]. Disponível em <http://sigma-t.org/permanente/1994a.pdf>
- LINS, Romulo C. (1994b), “Os Campos Semânticos y el problema del significado em álgebra”. *Uno- Revista de Didáctica de las Matemáticas*. n. 1, p.45-56. [Consult. 12-02-2022]. Disponível em <https://www.grao.com/es/producto/campos-semanticos-y-el-problema-del-significado-en-algebra>
- LINS, Romulo C. (1996), “Strugggling for survival: the production of meaning”, in *BSRLM*, 1996, Sheffield (UK). *Anais Sheffield (UK)*, BSRLM, February.
- LINS, Romulo C. (1999), *Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a educação matemática: concepções e perspectivas*. São Paulo, Editora da UNESP.
- LINS, Romulo C. (2001), “The production of meaning for algebra: a perspective based on theoretical model of semantic fields”, in SUNTHERLAND, R. et al. (Ed.) *Perspectives on school algebra*. London, Kluwer Academic Publishers, pp. 37-60. [Consult. 12-02-2022]. Disponível em https://link.springer.com/chapter/10.1007/0-306-47223-6_3
- LINS, Romulo C. (2002a), “Of course, R3 is blue! Developing an approach to turn a mathematics course into a mathematics education course”, in *Second International Conference and the Teaching of Mathematics*, Heronissos – Creta/Grecia.
- LINS, Romulo C. (2002b), *Análise sistemática e crítica da produção e da trajetória profissional*. Tese de Livre Docência. Universidade Federal Paulista-UNESP. Rio Claro.
- LINS, Romulo C. (2004), “Characterising the mathematics of the teacher from the point of view of meaning production”, in *10th International Congress on Mathematical Education*. Copenhagen. Plenary and Regular Lectures (abstracts).
- LINS, Romulo Campos (2012), “O Modelo Teórico dos Campos Semânticos: estabelecimento e notas de teorizações”, in ANGELO, Claudia Laus et al. (ORG.). *Modelo dos Campos semânticos e educação matemática: 20anos de história*. São Paulo, midiograf.
- MARTINS, Helena (2000), “Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein”. *Veredas, Revista de estudos linguístico*, v. 4, n. 2, pp. 19-42. [Consult. 10-01-2022]. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25320>
- MATURANA, Heiz (1999), *A ontologia da realidade*. Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MATURANA, Heinz V.; VARELA, Francisco (1997), *De máquinas e seres vivos - Autopoiese: a organização do vivo*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. (1980). *Autoposieis and Cognition: The Realization of the Living*. London, D. Reidel Publishing Company.
- PINTO, Thiago P. (2009), *Linguagem e Educação Matemática: Um mapeamento de usos na sala de aula*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista. Rio Claro/Sp.
- PINTO, Thiago P. (2011), “Uso de representações Gráficas e diferentes representações na sala de aula de matemática”, in *Anais da XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática*. Recife/PE. Comitê

Interamericano de Educação Matemática.

- PINTO, Thiago P. (2018), “A pragmática Filosófica de Wittgenstein e a Educação Matemática”. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*. Canoas, v. 23, n. 1, pp. 1-15. [Consult. 10-01-2022]. Disponível em <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/4168>
- PLATÃO (1972), *Banquete, Fédon, Sofista e Político*. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo, Abril Cultural.
- PLATÃO (1988), *Diálogo – Crátilo (ou da Justeza dos Nomes)*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém, EDUFPA.
- SANTOS, Bento S.; MULINARI, Filício (2015), “Agostinho e Wittgenstein em torno da linguagem: o problema da significação”. *Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages*, n. 20, pp. 383-390. [Consult. 10-01-2022]. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5180532>
- SANTOS, Luciane M. (2007), *Produção de signicados para objetos de aprendizagem: de autores e leitores para a educação matemática*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Federal do Paraná. Paraná.
- SILVA, Amarildo M. (2003), *Sobre a Dinâmica da Produção de Significados para a Matemática*. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP.
- STEGMÜLLER, Wolfgang (1976), *A filosofia contemporânea – Introdução Crítica*, vol. 1. Tradução: Edwino A. Royer. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária.
- WITTGENSTEIN, Ludwig (1968), *Tractatus Lógico-Philosophicus*. Tradução e apresentação de José Arthur Giannotti. São Paulo, Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo.
- WITTGENSTEIN, Ludwig (1974), *On Certainty*. Reprinted with corrections and indices (trans: Paul, D. & Anscombe, G. E. M.), in G. E. M. Anscombe & G. H. von Wright (Ed.). Oxford, Basil Blackwell.
- WITTGENSTEIN, Ludwig (2009), *Investigações Filosóficas*. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis, Vozes.